

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E  
NEGÓCIOS - EPPEN**

**HUGO DUARTE DOS SANTOS**

PERCEPÇÕES DOS *STAKEHOLDERS* SOBRE O PROCESSO DA  
EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM UMA DINÂMICA ESCOLAR

**Osasco**

**2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E  
NEGÓCIOS - EPPEN**

**HUGO DUARTE DOS SANTOS**

**PERCEPÇÕES DOS *STAKEHOLDERS* SOBRE O PROCESSO DA  
EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM UMA DINÂMICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola Paulista de  
Política, Economia e Negócios –  
EPPEN da Universidade Federal de São  
Paulo como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Administração

Orientador(a): Prof. Dr. Samir Sayed

**Osasco**

**2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Unifesp Osasco  
e Departamento de Tecnologia da Informação Unifesp Osasco,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237p SANTOS, Hugo Duarte dos  
Percepções dos stakeholders sobre o processo da educação  
financeira em uma dinâmica escolar / Hugo Duarte dos Santos. -  
2021.  
50 f. :il.

Trabalho de conclusão de curso (Administração) -  
Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Política,  
Economia e Negócios, Osasco, 2021.  
Orientador: Prof. Dr. Samir Sayed.

1. Educação financeira. 2. Finanças pessoais. 3. Educação  
financeira nas escolas. I. Sayed, Prof. Dr. Samir, II. TCC -  
Unifesp/EPPEN. III. Título.

CDD: 332.024

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus.

Aos meus pais e minha namorada.

Aos meus amigos e colegas de classe.

Ao meu professor orientador.

A todos os professores com quem convivi e de quem tive o privilégio de ser aluno.

## RESUMO

No ensino formal, infantil e fundamental, projetos de implementação do ensino da educação financeira passam a existir formalmente a partir de 2010 e vem cada vez mais ganhando força. O objetivo deste trabalho é analisar junto aos agentes envolvidos no sistema educacional, o entendimento que possuem em relação à educação financeira e como vem sendo feita a formalização desta temática, quais estratégias já utilizadas e quais os pontos de melhoria. A metodologia consistiu na obtenção dos dados através de cinco entrevistas com pessoas do sexo feminino, moradores de Guarulhos e São Paulo capital, envolvidas de alguma forma no meio educacional infantil e fundamental, além de revisão bibliográfica. A partir dos resultados obtidos foi possível concluir que as entrevistadas possuem certa consciência a respeito das nuances da educação financeira, mesmo que em suas respectivas fases escolares, algumas delas alegam não terem tido acesso a essa temática. A respeito da educação financeira no ensino formal, foi possível constatar que em algumas escolas já é feito um trabalho com estratégias de ensino, não só na disciplina de matemática, como também trazendo a temática transversalmente em outras disciplinas. No entanto, ficou claro que mesmo após a introdução oficial na Base Nacional Comum Curricular, a partir de 2020, falta treinamento para os educadores aplicarem as técnicas com as crianças. Sob um contexto de pandemia, o ano de 2020 foi atípico e isso pode ter sido forte causa dos sistemas de ensino no geral não terem sofrido grandes mudanças. As entrevistadas, quando questionadas a respeito das perspectivas do cenário brasileiro em finanças pessoais, entendem que o futuro é promissor e que os ensinamentos dados atualmente na escola para crianças desde o ensino infantil irão gerar bons resultados a médio e longo prazo, refletindo até nos níveis de endividamento médio do brasileiro e alterando alguns hábitos de consumo.

**Palavras-chave:** Educação financeira; Finanças pessoais; Educação financeira nas escolas.

## ABSTRACT

In formal, child and elementary education, projects to implement the teaching of financial education started to exist formally in 2010 and are increasingly gaining strength. The objective of this work is to analyze with the agents involved in the educational system, what understanding they have in relation to financial education and how the formalization of this theme has been carried out, which strategies they already use and which points for improvement. To obtain the data, five interviews were conducted with female people involved in some way in the children's and elementary educational environment. From the results obtained, it was possible to conclude that the interviewees have a certain awareness about the nuances of financial education, even though in their respective school phases, some of them claim not to have had access to this theme. Regarding financial education in formal education, it was possible to verify that in some schools work has already been done with teaching strategies, not only in the discipline of mathematics, but also bringing the theme across other disciplines. However, it became clear that even after the official introduction to BNCC from 2020, educators are lacking training in how to apply the techniques properly to children. In a pandemic context, the year 2020 was atypical and this may have been a strong cause of education systems in general not having undergone major changes. The interviewees, when asked about the perspectives of the Brazilian scenario in personal finance, understand that the future is promising and that the teachings currently given in the school for children since early childhood will generate good results in the medium and long term, reflecting even in the levels average Brazilian debt and changing some consumption habits.

**Keywords:** Financial education; Personal finances; Financial education in schools.

## **LISTA DE FIGURAS:**

<b>Figura 1</b> - Os objetivos, competências e conceitos relacionados à ENEF, 2013 (ENEF, 2013).....	13
<b>Figura 2</b> - Dimensões espacial e temporal na educação financeira, 2013 (ENEF, 2013) .....	15
<b>Figura 3</b> - Porcentagem de alunos em cada nível de proficiência em alfabetização financeira, 2018 (OCDE, 2018).....	17
<b>Figura 4</b> - Retrato geral do desempenho em educação financeira, 2018 (OCDE, 2018) .....	18
<b>Figura 5</b> - Metodologia de pesquisa SPC Brasil/CNDL, 2018 (SPC/CNDL, 2018).....	19
<b>Figura 6</b> - Resultado de entrevista - Gestão de finanças pessoais, 2018 (SPC/CNDL, 2018).....	20

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> – Perfil geral dos entrevistados.....	26
---	----



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	8
1.1 Objetivos	9
1.1.1 Objetivo geral	9
1.1.2 Objetivos específicos	9
1.2 Justificativa	9
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	11
2.1 Regulamentação sobre o ensino da educação financeira no Brasil	11
2.2 Estudos anteriores sobre educação financeira	15
<b>3. METODOLOGIA</b>	22
<b>4. ANÁLISE E RESULTADOS</b>	25
4.1 Perfil dos entrevistados	25
4.2 Consciência a respeito de educação financeira	26
4.3 Educação financeira no ensino formal e suas estratégias	29
4.4 Perspectivas para o cenário Brasileiro de finanças pessoais	35
<b>5. CONCLUSÕES</b>	38
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	40
<b>7. APÊNDICES</b>	42
APÊNDICE A	42
APÊNDICE B	42
APÊNDICE C	45

## **1. INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos a educação financeira tem estado cada vez mais nos tópicos de discussão da população brasileira e também nos veículos de comunicação. É fato que esse interesse recente vem acompanhado de muito conteúdo de qualidade, mas também de oportunistas.

A educação financeira é um processo onde o indivíduo irá aprender sob a ótica de consumo e economia, como controlar seus gastos, dívidas, chegando na esfera do “poupar” e após isso, tende a iniciar sua caminhada no mundo nos investimentos.

Segundo Domingos (2014), a educação financeira pode auxiliar à administração dos recursos financeiros, através da mudança de hábitos e também dos costumes obtidos pelos agentes durante gerações. O indivíduo educado financeiramente tende a ter uma maior qualidade de vida no que diz respeito a ter suas necessidades pessoais bem sanadas, com uma vida financeira saudável, onde por mais que hajam dívidas, exista o controle e a sabedoria de como ocorre o fluxo de caixa pessoal.

Neste sentido, a escola tem papel fundamental na formação desse indivíduo e até nas questões e hábitos mais simples é possível identificar traços que refletem a educação formal adquirida.

Vivemos um momento onde a discussão da educação financeira vem à tona, através de conteúdos via videos ou blogs, discute-se mais e mais a importância das finanças pessoais para o futuro do indivíduo. Com as mudanças na previdência social e o ambiente de incerteza para o Brasil, a população deve ter cuidado com a forma e com o que gasta seu dinheiro e como o guarda.

Paralelo a isso, vemos uma movimentação por parte do governo atual, que estipulou a obrigatoriedade da disciplina de educação financeira para as escolas a partir de 2020. O objetivo dessa medida é reduzir o endividamento médio do brasileiro para os próximos anos.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Compreender através dos *stakeholders*<sup>1</sup> envolvidos no sistema de educação formal, qual o entendimento sobre educação financeira e como ela é aplicada nos ensinos infantil e fundamental.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

Como forma de alcançar o objetivo geral, o estudo tem como específicos:

- a) Descrever no atual cenário as mudanças institucionalizadas pelo MEC em relação a educação financeira no ensino básico.
- b) Avaliar o entendimento dos profissionais e demais agente envolvidos na educação formal a cerca da utilização, da base e compreensão da educação financeira nas escolas.
- c) Conhecer através de entrevistas, como os participantes envolvidos na educação formal enxergam a formalização da educação financeira na parte prática do ensino infantil e fundamental.
- d) Demonstrar estratégias já existentes para o ensino de finanças pessoais e o que os *stakeholders* enxergam ser ideal para ser aplicado com as crianças em sala de aula.

## **1.2 Justificativa**

A educação financeira, à medida que vem a tona cada vez mais no dia dia do jovem brasileiro, deve ser encarada como um hábito, em que é de suma importância que a fonte de dados seja de confiança e que o indivíduo tenha o auto-conhecimento de suas necessidades financeiras e pessoais, assim como seus objetivos de curto, médio e longo prazo.

---

<sup>1</sup> Agentes envolvidos diretamente nas ações do setor/projeto

A escola por sua vez, sendo responsável pelo primeiro contato educacional do indivíduo tendem a ter grande influencia em todos os aspectos de formação de ensino, personalidade e interesses, incluso nisso também a parte de finanças pessoais.

O referido trabalho justifica-se pela importância em buscar identificar de que forma então de que forma a inserção da educação financeira como temática obrigatória no ensino de base impacta os alunos na visão de profissionais da área e quais estratégias podem ser utilizadas pra tornar esse processo eficaz.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Regulamentação sobre o ensino da educação financeira no Brasil**

Segundo Alonso e Mochón (1994), a partir do entendimento da educação financeira e também do papel dos bancos, as pessoas podem desempenhar uma melhor gestão de seus ativos, sendo assim, tomam decisões mais racionais e com melhores informações. Partindo desse princípio, entende-se que a educação financeira no Brasil é um processo extenso porém que tende a trazer ótimos resultados no longo prazo da economia pessoal brasileira. Desta forma, fazemos um panorama histórico de como isso vem se desenvolvendo de forma regulamentada no Brasil.

Enxergando de maneira geral, haviam poucas iniciativas por parte dos governos federal e estaduais no Brasil para estímulo e implementação regular da educação financeira no país. Em 2006 foi criado sob o Decreto Federal nº 5.685 de 25/01/2006<sup>2</sup>, estabelecendo o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC).

Art. 1º. Fica instituído o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização - Coremec, no âmbito do Ministério da Fazenda, com a finalidade de promover a coordenação e o aprimoramento da atuação das entidades da administração pública federal que regulam e fiscalizam as atividades relacionadas à captação pública da poupança popular (BRASIL, 2006).

Assim, a partir de 2007, o comitê iniciou sua plena atividade quando formalizou um grupo de trabalho denominado “Grupo de trabalho do COREMEC”, cujo principal objetivo seria propor uma estratégia nacional a respeito da educação financeira. A partir de Dezembro de 2010, sob o Decreto Presidencial nº 7.397<sup>3</sup> foi oficialmente implementada a Estratégia Nacional da Educação Financeira (ENEF). A partir desse momento, a educação financeira começou de fato a receber atenção de fato por parte do governo federal.

Art. 1º. Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores (BRASIL, 2010).

---

<sup>2</sup> Decreto revogado e substituído pelo Decreto nº10.087, de 2019.

<sup>3</sup> Decreto revogado e substituído pelo Decreto nº10.393, de 2020.

A ENEF foi constituída a partir do conceito formado pela (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O processo pelo qual consumidores/investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, a fazer escolhas informadas, a saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem-estar financeiro. (RECOMENDAÇÃO SOBRE OS PRINCÍPIOS E AS BOAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO FINANCEIRA, 2005, p. 5)

Educação financeira, portanto, vai além do fornecimento de informações e aconselhamento financeiro, o que deve ser regulado, como geralmente já é o caso, especialmente para a proteção de clientes financeiros (por exemplo, consumidores em relações contratuais).

Segundo a OCDE (2013), a alfabetização financeira da população brasileira é baixa. A partir de um estudo apontado no relatório “*Advancing National Strategies for Financial Education*” (OCDE em 2013), os brasileiros não planejam seus gastos no longo prazo e existe uma demora no planejamento para a aposentadoria, também complementa dizendo que os brasileiros não são conscientes dos riscos, sendo assim, vulneráveis no processo de tomada de decisão relativa a empréstimos e investimentos, sendo expostos até a casos de fraude.

Segundo Pereira, Cavalcante e Crocco (2019), a educação financeira deve ser entendida como um conteúdo extremamente dinâmico e que requer atualização e reeducação, só assim, será aprendida plenamente pelo participante. Entende-se também que a educação financeira deve vir acompanhada da capacitação financeira, onde espera-se, que o participante com tal capacitação seja capaz de absorver, comunicar e analisar temas de finanças pessoais e além disso tomar decisões positivas para seu bem-estar nas finanças pessoais.

A ENEF é clara no que se diz respeito ao que espera para o futuro brasileiro a partir das da implementação da estratégia. Segundo a OCDE (2013), ela traz conceitos de que deve ser uma política permanente e nacional, tendo suas ações de forma gratuita para o público-alvo. O interesse do público prevalece, com os programas, projetos e ações utilizando a abordagem informação-formação-orientação. O planejamento é revisado periodicamente e permanentemente, além do que as parcerias com instituições públicas e privadas devem

ser incentivadas. A **figura 1** traz os principais objetivos da ENEF, assim como suas respectivas competências e conceitos. A partir disso medidas de estímulo são desenvolvidas para implementação de fato da agenda de educação financeira no Brasil.

**Figura 1** - Os objetivos, competências e conceitos relacionados à ENEF, 2013 (ENEF, 2013)

Objetivo	Competência	Conceitos
1. Formar para cidadania (DE)	1. Exercer direitos e deveres de forma ética e responsável	Cidadania  Consumo responsável (consciente e sustentável)
2. Educar para o consumo e a poupança (DE)	2. Tomar decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis	Receitas e despesas/orçamento  Reservas (poupança) e investimento  Crédito
	3. Aplicar compreensão de receitas e despesas na manutenção do balanço financeiro	
	4. Harmonizar desejos e necessidades, refletindo sobre os próprios hábitos de consumo e poupança	
	5. Valer-se do sistema financeiro formal para a utilização de serviços e produtos financeiros	
3. Oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude (DE)	6. Avaliar ofertas e tomar decisões financeiras autônomas de acordo com as reais necessidades	Autonomia
4. Formar disseminadores e/ou multiplicadores em EF (DE)	7. Atuar como disseminador dos conhecimento e práticas de EF	Disseminação e/ou multiplicação
5. Desenvolver a cultura da prevenção e proteção (DT)	8. Valer-se de mecanismos de prevenção e proteção de curto, médio e longo prazos	Prevenção
		Proteção
6. Instrumentalizar para planejar em curto, médio e longo prazos (DT)	9. Elaborar planejamento financeiro no curto, médio e longo prazos	Planejamento
7. Proporcionar a possibilidade de melhoria da própria situação (DT)	10. Analisar alternativas para superar dificuldades econômicas	Mudança de condições de vida

<sup>1</sup> DE – Dimensão Espacial    <sup>2</sup> DT – Dimensão Temporal

Fonte: OCDE (*Advancing National Strategies for Financial Education*), 2013.

A partir do ano de 2014, o Ministério da Educação e Cultura passou à institucionalizar a primeira versão do que seria a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ela pode ser definida como um documento normativo que define os os ensinamentos que são essenciais para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos durante todo seu período de

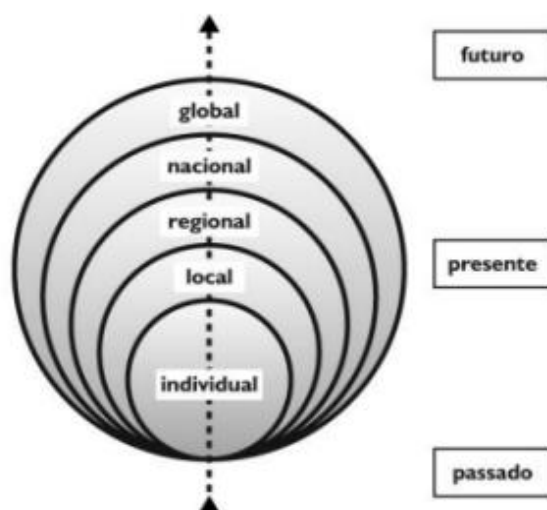
educação básica. Ela busca por meio de uma padronização de aprendizagem estabelecer um patamar de aprendizagem comum entre todos os alunos (BNCC, 2018).

A partir do ano de 2018, em conjunto com o Conselho Nacional de Educação (CNE) e com a homologação do MEC, a BNCC instituiu a educação financeira como temática obrigatória e transversal, prevendo assim que as redes de ensino público e privada se adaptassem as normativas atualizadas em seus currículos escolares para implementação nos ensino infantil e fundamental a partir do ano de 2020.

Segundo Giordano, Assis e Coutinho (2019), promover a educação financeira permite ao cidadão se emponderar no que se diz respeito ao conhecimento e valor de seu próprio patrimônio, onde ele pode estar habilitado e esclarecido sobre as oportunidades e conhecimentos sobre administração de recursos, podendo assim executá-los de forma eficiente e sustentável, desenvolvendo novos hábitos, valores e comportamentos. Ainda segundo eles, as propostas de desenvolvimento interdisciplinares da BNCC pairam diversas dimensões, tais como, cultural, social, política, psicológica e, naturalmente, econômica, tendo também fundamento nas questões relacionadas ao trabalho. As dimensões temporais e espaciais, segundo a ENEF fazem parte e contemplam os níveis individual e o social, conforme vemos na **figura 2**.



**Figura 2** - Dimensões espacial e temporal na educação financeira, 2013 (ENEF, 2013)



Fonte: OCDE (*Advancing National Strategies for Financial Education*), 2013.

## 2.2 Estudos anteriores sobre educação financeira

Segundo pesquisa realizada pela *S&P-Ratings Services Global Financial Literacy Survey* realizada em 2014, o Brasil se encontra na posição 74 de um ranking com 144 países a respeito de fluência na educação financeira. É importante destacar que o Brasil se encontra posições atrás de alguns países menos desenvolvidos economicamente, como: Madagascar, Togo e Zimbábue. A pesquisa foi realizada com base em entrevistas com cerca de 150 mil pessoas, das quais foram questionadas, sobre conceitos básicos a respeito de aritmética, diversificação de risco, inflação e juros compostos. Os dados coletados foram feitos a partir da metodologia *Gallup World Poll*, pelo instituto Gallup. Os resultados foram aferidos também por pesquisadores do Banco Mundial e do Centro de Excelência em Educação Financeira Mundial da *George Washington University*. A partir desse estudo, já é possível ponderar o nível de conscientização do brasileiro para hábitos de consumo e finanças pessoais. Isso reflete não só indicadores de educação básica no geral, como também do endividamento médio do brasileiro.

A partir do estudo realizado por Lucci, Santos, Verrone e Zerrenner (2006), é possível concluir que, os conceitos financeiros para as crianças e adolescentes, estão diretamente conectados com o respectivo nível de educação financeira existente, sendo assim, como esperado, o nível de conhecimento a respeito dos conceitos financeiros é a influência direta nas decisões financeiras e sendo impacto direto no endividamento populacional.

Esse conceito vai de encontro direto ao que nós traz Saraiva (2017), onde a questão do endividamento é trazida de tal forma com o que o autor sugere maior responsabilidade do ensino por parte das instituições formais, ao contrário do protagonismo de ensino existente feito e incentivado pelas próprias instituições financeiras.

Tratando ainda sobre o endividamento populacional, Candido e Fernandes (2014) apresentam um estudo sobre o nível de endividamento de jovens e adultos em São Paulo. Os resultados, sugerem que os alunos tem a consciência da defasagem de ensino de finanças pessoais na educação formal, sendo assim, as novas gerações não possuem o preparo necessário para tratar das questões que permeiam o mundo das finanças pessoais. Em conclusão, o estudo aponta a urgente necessidade de mudança em todas as escalas de ensino.

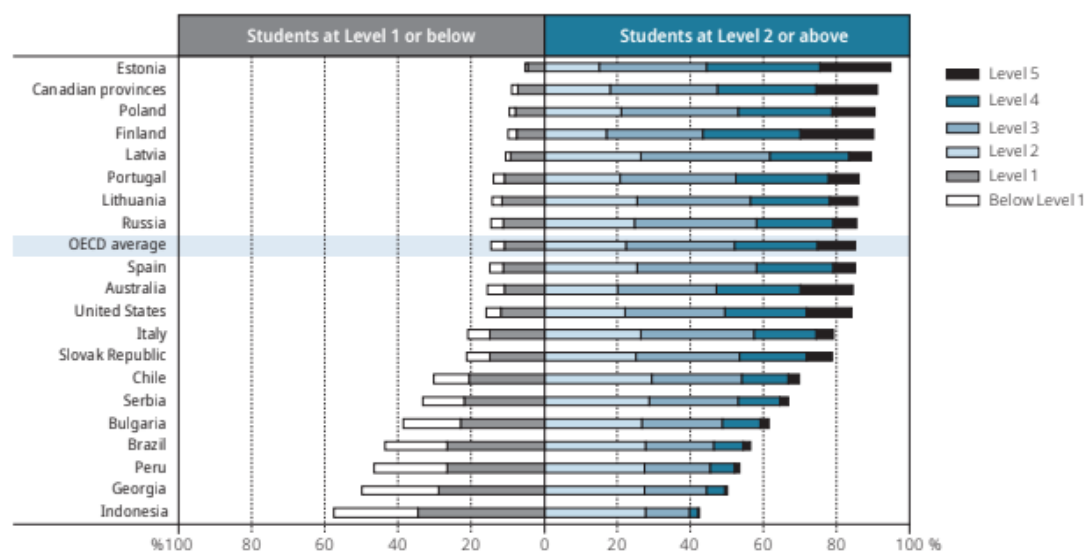
Sendo divulgado pela primeira vez no ano 2000, o relatório PISA - *Programme for International Student Assessment* - busca avaliar o desempenho escolar mundialmente e é organizado pela própria OCDE, com suas respectivas diretrizes políticas e buscando alavancar os resultados educacionais por todo o mundo.

Em 2018, foi o divulgado o relatório PISA - *Financial Are the students smart about money?* Segundo Schleicher (2018), até o final da década de 90 os principais resultados no âmbito educacional eram baseados em anos de escolaridade, o que não demonstrava um indicador plenamente preciso, sendo assim, o PISA foi criado com a intenção de testar demasiadamente o conhecimento dos alunos. O PISA se mostra importante para educadores e formuladores de políticas no que se diz respeito a disponibilização de informações e auxílio na tomada de melhores decisões.

Participam do ranking da OCDE, para o relatório PISA, 20 países, sendo 13 deles com vínculo efetivo com a OCDE e outros 7 países participam como parceiros, que é o caso do Brasil. De acordo com as avaliações, os participantes são enquadrados do nível 1 até o 5, sendo o 1 - com mais baixo rendimento e o 5 - grau mais alto. Podemos ver na **figura**

3, como a colocação do Brasil no que se diz respeito a nível geral dos participantes é ruim em comparação aos outros países e a média geral da OCDE.

**Figura 3** - Porcentagem de alunos em cada nível de proficiência em alfabetização financeira, 2018 (OCDE, 2018)



Countries and economies are ranked in descending order of the percentage of students who performed at or above Level 2.

Source: OECD, PISA 2018 Database, Table IV.B1.2.4

Fonte: OCDE (PISA), 2018.

Segundo o relatório PISA (2018), o *International Survey of Adult Literacy Competencies (OCDE/INFE)* realiza uma série de perguntas para os países participantes do relatório PISA, onde são avaliadas questões de conhecimento financeiro, sob a ótica da inflação, dinheiro no tempo, juros, risco e diversificação. Como resultado a respeito do Brasil, menos de 50% da população adulta soube responder corretamente pelo menos 5 das 7 perguntas realizadas na pesquisa, por outro lado, como parâmetro, países como Estônia e Finlândia tiveram números onde pelo menos 73% dos adultos souberem responder ao menos 5 das perguntas. Segundo o próprio relatório, é importante frisar que a comparação entre os países exige cautela, haja vista que as ferramentas de medição utilizadas para aferir tais indicadores podem variar de país para país.

O relatório PISA 2018 - “*Are the students smart about money?*” é bem extenso no que se diz respeito a diversos indicadores relativos à educação financeira nos países avaliados. Assim, foi possível trazer um parâmetro de como esse relatório funciona em todas as suas

esferas e como ele busca aprimorar a forma como o ensino didático ocorre por todo o mundo. Um fato interessante de se trazer, é que avaliado sob as métricas gerais, dentre os 20 países avaliados, o Brasil se encontra em 16º lugar no ranking, na frente apenas do Peru, da Georgia e da Indonésia. O ranking abaixo se classifica dentre os diversos indicadores envolvidos na formulação, um índice de pontuação geral, onde o Brasil aparece com 420 pontos, ante a média geral apurada de 505 pontos.

**Figura 4 - Retrato geral do desempenho em educação financeira, 2018 (OCDE, 2018)**

	Mean score in PISA 2018	"Share of low achievers (below Level 2)"	"Share of top performers (Level 5)"	Relative score <sup>1</sup> after accounting for performance in mathematics and reading
	Mean score	%	%	Mean score
<b>OECD average</b>	505	14.7	10.5	<b>2</b>
Estonia	547	5.3	19.0	<b>16</b>
Finland	537	9.9	19.9	<b>14</b>
Canadian provinces	532	8.8	16.7	<b>4</b>
Poland	520	9.5	11.8	<b>-3</b>
Australia	511	15.6	14.1	<b>4</b>
United States	506	16.0	12.4	<b>5</b>
Portugal	505	14.0	8.3	1
Latvia	501	10.6	6.1	1
Lithuania	498	14.2	7.7	<b>7</b>
Russia	495	14.4	6.3	-1
Spain	492	15.0	5.7	m
Slovak Republic	481	21.2	7.2	<b>-9</b>
Italy	476	20.9	4.5	<b>-17</b>
Chile	451	30.7	3.0	<b>5</b>
Serbia	444	33.2	2.5	<b>-15</b>
Bulgaria	432	38.5	2.4	<b>-10</b>
Brazil	420	43.6	1.9	<b>12</b>
Peru	411	46.4	1.4	<b>-3</b>
Georgia	403	49.8	0.7	<b>-3</b>
Indonesia	388	57.4	0.3	<b>-3</b>

1. Relative scores are the residuals obtained from a pooled linear regression, across all participating countries/economies, of performance in financial literacy over performance in mathematics and/or reading. They represent performance in the aspects of the financial literacy assessment that are specific to financial literacy, as opposed to being shared with mathematics and/or reading.

**Note:** Values that are statistically significant are marked in bold (see Annex A3).

Countries and economies are ranked in decreasing order of mean performance in the PISA 2018 financial literacy assessment.

Fonte: OCDE (PISA), 2018.





Analisando a realidade brasileira em específico, o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) Brasil disponibiliza diversos relatórios relacionados à temáticas de endividamento pessoal e políticas de crédito. Dentre eles, temos o “Educação financeira e a gestão do orçamento pessoal”, publicado em Janeiro de 2018. Com ele é possível aferir interessantes indicadores a respeito da fluência do brasileiro no que se diz respeito à controle de gastos e educação financeira de maneira geral.

Segundo o SPC (2018), é preciso planejar muito bem as despesas da casa e o orçamento familiar de acordo com a receita disponível para cada um. Em parceria com a

Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL) foi realizada um estudo afim de compreender como o consumidor brasileiro se relaciona com o consumo e o uso dinheiro, identificando os impeditivos para o brasileiro ter uma vida financeira saudável e avaliando seu conhecimento de gestão orçamentária pessoal.

Quanto a metodologia aplicada, temos as caraterísticas apresentadas na **figura 5**:

**Figura 5** - Metodologia de pesquisa SPC Brasil/CNDL, 2018 (SPC/CNDL, 2018)

PÚBLICO-ALVO	MÉTODO DE COLETA	TAMANHO AMOSTRAL DA PESQUISA	DATA DE COLETA DOS DADOS
 <p>Residentes em todas as capitais brasileiras, com idade igual ou superior a 18 anos, ambos os sexos e todas as classes sociais.</p>	 <p>Pesquisa realizada via web e pós-ponderada considerando sexo, idade, escolaridade, classe e região do país.</p>	 <p>805 casos, gerando margem de erro no geral de 3,5 p.p. para um intervalo de confiança a 95%.</p>	 <p>10 a 22 de novembro de 2017.</p>

Fonte: SPC Brasil/CNDL (Educação financeira e a gestão do orçamento pessoal), 2018.

Quando perguntados sobre gestão de finanças pessoais, foi possível destacar os seguintes resultados, conforme apresentado na **figura 6**:

**Figura 6** - Resultado de entrevista - Gestão de finanças pessoais, 2018 (SPC/CNDL, 2018)



Fonte: SPC Brasil/CNDL (Educação financeira e a gestão do orçamento pessoal), 2018.

Tendo como base tais resultados, temos que grande parte dos entrevistados alegam conseguir honrar com seus pagamentos em dia na maioria das vezes, o que é algo significativo e curioso, haja visto que segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em 2020 o endividamento médio do brasileiro atingiu 67,5% das famílias. Questões como, a crise do coronavírus são plenamente relevantes, porém esse dado, se comparado com as respostas a respeito da gestão de finanças pessoais, despertam curiosidade.

A respeito de outros interessantes indicadores divulgados pelo relatório do SPC Brasil em parceria com o CNDL, podemos destacar que dos entrevistados, 55,1% garantem realizar o controle dos gastos de alguma forma, desses, 92,2% realizam o controle dos gastos fundamentais, tais como mantimentos, contas de consumo e demais gastos recorrentes. Quanto ao aprendizado da gestão financeira, 45,2% alegam que absorveram o conhecimento sozinhos, enquanto 33,6% julgam já possuir o conhecimento desde a fase infantil por influência de terceiros. Podemos destacar por último uma interessante discrepância, onde 63% consideram muito importante economizar para aplicar seus rendimentos, porém apenas 47% fazem isso sempre ou com frequência. Nos mesmos

parâmetros, 62,8% consideram importante juntar dinheiro para fazer compras à vista, mas 54,8% realizam de fato.

Segundo Bessa, Fermiano e Denegri (2014), a forma como as crianças e jovens obtêm as condutas e informações para o comportamento como consumidor advém de modo informal, sendo assim, sofrem forte influência de seus adultos próximos, como seus pais, além de sofrer com a absorção de informações via meios de comunicação de massa. Existe a carência de uma formação intencional que prepare essas crianças e jovens para enfrentar a sociedade de consumo que tende a ser mais agressiva e também complexa. O papel da escola nessa questão é fundamental e por isso faz sentido o MEC regulamentar medidas com a própria ENEF e a institucionalizar o ensino da educação financeira na BNCC.

O estudo da educação financeira no Brasil ainda é algo em constante desenvolvimento, Savóia, Saito e Santana (2007) já sugeriam que os estudos sobre finanças pessoais no Brasil eram escassos. Além disso, mesmo em 2007 já se discutia a institucionalização formal do ensino de educação financeira nas escolas.

Mesmo contrariando a ideia de Saraiva (2017) de que a educação financeira deve fugir da ótica de ensino das instituições financeiras e se concentrar no ensino formal, os autores trazem como concreto que países como Estados Unidos e Reino Unido, onde o nível de educação financeira populacional supera o Brasil, tem como principais medidas de estímulos, ações advindas do setor bancário. Os autores finalizam ainda constatando que no Brasil, o setor bancário tem forte defasagem desse tipo de ensino perante outras instituições pelo mundo.

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho trata de uma pesquisa qualitativa exploratória, com coleta de dados primários, ou seja, as informações são coletadas pelo próprio pesquisador e sendo exploratória, tende a entender melhor quais as expectativas futuras e estratégias a serem utilizadas para tornar o ensino da educação financeira eficaz, após a homologação da educação financeira como temática obrigatória pelo MEC e a BNCC. Também foi realizada pesquisa documental e breve revisão bibliográfica sobre o tema.

Segundo Severino (2007), a entrevista é uma ferramenta que permite coletar informações de certo assunto, realizadas de frente ao ser pesquisado, sendo assim o papel do pesquisador é entender de que forma esses sujeitos pensam, representam, sabem, fazem e argumentam.

Para Marconi e Lakatos (1996), a entrevista tem como papel principal ser uma investigação social, onde existe a coleta de dados para investigação de respostas, a fim de solucionar algum problema social e apesar de possuir algumas desvantagens como a dificuldade de comunicação entre ambas as partes, é possível não retenção de dados importantes e incompreensão dos tópicos pelo entrevistado. Esse tipo de coleta apresenta boas vantagens no que se diz respeito a precisão das respostas e de coletar informações que não seriam encontradas em nenhum material documental.

Partindo do que foi definido, trata-se de uma amostra de conveniência, onde foram entrevistados **cinco pessoas envolvidas no dia-dia da educação infantil e do ensino fundamental I**, sendo uma professora, uma aluna, uma vice-diretora, uma auxiliar técnico educacional e uma candidata a vereadora à Prefeitura de Guarulhos nas eleições municipais de 2020, que apresentou propostas para o avanço da educação financeira nas escolas.

Todas as entrevistas foram realizadas afim de investigar os diferentes formatos de pensamento e como as ideias podem ser de fato concretizadas, além de enxergar por olhares diferentes, o que se espera para o cenário da educação financeira no Brasil nos próximos anos.

Segundo Trivinos (1987, p. 152), a entrevista semi-estruturada possui traços marcantes de diferença no que se diz respeito a entrevista não estruturada ou estruturada, porque ela



busca compreender não só fatores de empatia durante a entrevista, a partir do que trata o próprio autor

“[...] a entrevista semi-estruturada mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permite a relevância na situação do ator. Este traço da entrevista semi-estruturada, segundo nosso modo de pensar, favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores.[...]” (TRIVINOS 1987, p. 152).

O recrutamento dos entrevistados foi realizado de forma a encontrar perfis diferentes que se encaixavam no objeto de estudo do presente trabalho, de tal forma que fossem adequados à realizar as análises necessárias de impressões, experiências e percepções para o cenário de educação financeira nas escolas brasileiras.

No momento do convite foi explicada a proposta do estudo e qual seria a intenção da entrevista (Apêndice A), estando assim a convidada de acordo com a proposta da entrevista e em pleno alinhamento com a temática das perguntas a serem realizadas, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), o qual foi assinado e entregue pela participante no dia da entrevista. Todas as informações específicas dos entrevistados foram utilizadas apenas para fins acadêmicos, não sendo necessária a divulgação pública da identidade de nenhum dos entrevistados. As entrevistas foram feitas de forma remota, via plataforma Zoom, haja visto a atual situação pandêmica que o país se encontra, todas as prerrogativas de distanciamento social foram então respeitadas. Todos os custos envolvidos para realizar os procedimentos de pesquisa foram de responsabilidade do pesquisador, não gerando assim quaisquer custos demasiados aos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas seguindo como prerrogativa perguntas expostas sob forma de roteiro semi-estruturado (Apêndice C), seguindo assim a liberdade do entrevistador poder conduzir a entrevista com novas perguntas adjacentes a partir das respostas das entrevistadas.

As perguntas da entrevista trataram de questões específicas relacionadas à educação financeira, hábitos de consumo e institucionalização da temática de educação financeira na BNCC, sendo assim identificadas não só apenas as características da educação financeira nas escolas nos dias atuais, como também a expectativa existente para o nosso

país nos próximos anos. Sendo assim, o roteiro de perguntas buscou seguir uma linha sequencial lógica afim de identificar o conhecimento do entrevistado sobre a temática abordada e dando sequência nas demais perguntas a partir das respostas entregues.

Tratando-se da natureza, Gonsalves (2003) avalia que a pesquisa qualitativa permite tanto a compreensão quanto à interpretação do fenômeno estudado. Assim, após a coleta dos dados, procedeu-se a transcrição das entrevistas e a análise. A análise e a forma como os dados foram interpretados se baseiam na parte teórica levantada no estudo. Sendo assim os dados coletados foram filtrados de forma a que fosse possível detectar padrões e realizar puras interpretações dos mesmos. Todas as entrevistas foram devidamente transcritas por completo e posteriormente as informações e ideias mais relevantes expostas pelos entrevistados sofreram uma análise aprofundada, afim de destacar as melhores conclusões.

#### 4. ANÁLISE E RESULTADOS

O presente capítulo do estudo, tem por objetivo apresentar as análises e os dados coletados nas entrevistas semi-estruturadas, sendo divididos assim sob cinco módulos específicos: Perfil dos entrevistados, consciência a respeito da educação financeira, educação financeira no ensino formal e suas estratégias, perspectivas para o cenário Brasileiro de finanças pessoais e análise geral.

##### 4.1 Perfil dos entrevistados

Ao todo foram entrevistadas 5, sendo uma amostra de conveniência de pessoas integradas de alguma forma no setor educacional, todos com visões de convivência distintas. Os entrevistados possuíam entre 10 a 55 anos, todas do sexo feminino, sendo uma ainda cursando o ensino fundamental I e as outras quatro participantes, todas possuem ensino superior completo e são residentes de Guarulhos-SP ou São Paulo-SP. Em relação à ocupação dos entrevistados, foi verificado que temos, uma é estudante, uma é auxiliar técnico educacional, uma é vice-diretora de escola, uma é professora e uma é advogada e candidata a vereadora às eleições municipais de Guarulhos em 2020. A tabela abaixo apresenta o perfil das entrevistadas.

**Tabela 1** – Perfil geral das entrevistadas

ENTREVISTADO	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	CARGO
Entrevistado 1	64	Feminino	Superior Completo	Vice-diretora
Entrevistado 2	55	Feminino	Superior completo	Professora
Entrevistado 3	26	Feminino	Superior completo	Auxiliar Técnico
Entrevistado 4	30	Feminino	Superior completo	Advogada/Candidata a vereadora
Entrevistado 5	10	Feminino	Cursando Ensino Fundamental I	Estudante

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2020.

A escolha das entrevistadas foi estrategicamente feita para poder assim ter um viés generalista de variadas frentes envolvidas no processo educacional. As respostas a seguir não possuem interferência do pesquisador, sendo assim, é possível aferir interessantes análises a partir dessa variada gama de entrevistadas.

#### **4.2 Consciência a respeito de educação financeira**

Neste primeiro módulo, buscou-se compreender qual o entendimento das entrevistadas sobre o tema Educação Financeira, sobre qual ótica elas enxergam esse assunto e quais hábitos isso pressupõe.

A primeira pergunta foi em relação justamente a esse entendimento individual: “O que você entende por educação financeira?”. A Entrevistada 5 diz que já ouviu falar, porém não possui muito conhecimento do tema por ainda não ter aprendido com precisão na escola. Dentre todas, ela foi a única que não se pronunciou uma posição geral de relação da educação financeira com a prática de finanças pessoais, administração de gastos e hábitos de consumo. Vale destacar o posicionamento da Entrevistada 4, que definiu primeiramente a educação financeira como algo comportamental:

*“Educação financeira pra mim é uma base humana comportamental. Então a gente vai ensinar pra criança a relação do que ela deseja e o que pode ter. Isso é bom pra aspectos psicológicos e financeiros, a criança aprende a lidar com a frustração, com o bombardeamento de propaganda.”*  
(ENTREVISTADA 4)

É possível observar que a entrevistada de pronto associou a educação como a fase infantil, em paralelo com os demais aprendizados das crianças, devendo assim ser tratada com naturalidade para ser de fato eficaz.

*“A criança deve aprender o que é um planejamento de curto, médio e longo prazo, a questão de mesada pode ser incluído também. Na questão da escola é algo multidisciplinar, desde algo histórico, cotidiano, teoria. Eu vejo muito mais do que uma questão matemática.”* (ENTREVISTADA 4)

Em relação ao ensino propriamente dito, alguns candidatos tratam a temática como responsabilidade forte também dos pais, justificando que muitas das vezes até, o ensino das finanças pessoais pode se prejudicar e muito por conta de um ambiente familiar

muitas das vezes complexo e que não permite de fato a aplicação das estratégias de ensino para planejamento financeiro.

*“Tem muito adulto que não sabe lidar com dinheiro, as vezes sabe fazer cálculos mas não consegue trabalhar com o dinheiro. Eu acho isso, é consciência, trabalhar com a criança com a consciência do que é dinheiro, quanto ela pode gastar e mostrar que as vezes a conta pode não fechar.” (ENTREVISTADO 1)*

*“...as crianças hoje com 5, 6 anos já tem condição de pegar um dinheiro, comprar e fazer. O que eu acho importante é fazer um trabalho paralelo junto com o cuidador dessa criança...” (ENTREVISTADA 2)*

Tratando-se da experiência individual de cada entrevistada a respeito sobre ter tido contato com a educação financeira em sua fase infantil principalmente, as respostas foram variadas, de forma com o que cada resposta nos traz uma interpretação diferente não só de como o cenário de ensino de educação de finanças pessoais sofreu alteração com o passar dos tempos, como também sob a ótica da mudança das estratégias de ensino.

A Entrevistada 3 expôs como as influências paternas foram significativas no seu aprendizado sobre educação financeira, porém que mesmo assim não considera plenamente suficiente. Segundo ela, o ensino formal de educação financeira teria causado impacto significativo em seu entendimento do tema nos dias atuais.

*“...Por não ter tido, me baseio em exemplos, como meus pais, pessoas próximas que administram o dinheiro e também conta muito a questão de personalidade. Eu acho que se eu tivesse tido isso no ensino infantil e fundamental, a minha mentalidade em relação ao dinheiro seria muito melhor.” (ENTREVISTADA 3)*

Podemos analisar também a Entrevistada 4, que alega ter possuído educação financeira em sua fase infantil de educação formal e por conta dito, expôs como isso faz diferença nos seus dias atuais no que se diz respeito a hábitos de consumo e controle financeiro.

*“...Se a gente não ensinar isso, o marketing engole todo mundo, porque a todo tempo somos bombardeados por isso, hoje a criança sabe sobre os brinquedos, lançamento de brinquedo, então é muita informação e a gente tem que ensinar que não dá pra ter tudo que quer, mas o que tem deve ser valorizado.” (ENTREVISTADA 4)*

A Entrevistada 2 por sua vez, alega que apesar de não ter tido o ensino da educação financeira em sua fase infantil, pôde adquirir esse conhecimento com o passar dos anos, porém, segundo ela, não foi nada fácil, pelo fato de momentos específicos de sua vida terem criado a necessidade deste aprendizado:

*“...Teve uma fase da minha vida que foi bem complicada, eu sinto que meu filho que fez administração, é uma pessoa super bem resolvida com essa questão. Porém ele é desde pequeno, por ter passado por um processo na escola que eu não tive. Para que eu pudesse chegar em ser bem resolvida, eu penei um pouco e em certo momento tive que aprender na marra...” (ENTREVISTADA 2)*

Analisando a resposta da Entrevistada 1, podemos ver que a forma de ensino da educação financeira por mais que existisse de maneira reduzida em décadas passadas, ainda assim possuía outras estratégias de ensino, focadas muito mais no ensino prático e técnico da matemática do que na conscientização de hábitos de consumo e administração de capital propriamente dito. Isso deve ser algo levado em consideração para analisar os números de endividamento populacional nos dias atuais e a forma como a consciência de consumo do brasileiro foi formada para os dias atuais.

*“...antigamente era ensinado no ensino da matemática, mas não a consciência, tanto que vemos quase metade da população brasileira endividada. As pessoas não conseguem se organizar. Acho que deve ensinar desde pequeno, mas ensinar a organização com dinheiro. Você tem que ter a consciência do que ganha e do que gasta. Então acho que talvez isso seja muito importante, da própria criança levado pros pais, talvez esses pais passam a se organizar e com a própria criança cobrando em casa. Então acho que não tínhamos de fato, a consciência não tinha, ela veio vindo com o tempo e acho que ainda ser melhor trabalhada, esquematizada...” (ENTREVISTADA 1)*

Podemos através dessas respostas ver como em sua maioria, os profissionais envolvidos no processo de educação possuem um conceito de educação financeira semelhante, pautado pelos hábitos de consumo e pela conscientização do sujeito na forma como realiza a sua administração financeira. A partir dessas informações podemos analisar de que forma ocorre esse ensino formal, assim como, as melhores estratégias a serem utilizadas para esse ensino.

### 4.3 Educação financeira no ensino formal e suas estratégias

O roteiro semi-estruturado teve como perguntas chaves, entender não só a compreensão do entrevistado quanto a temática da educação financeira, como também entender se ele possui conhecimento sobre a formalização realizada pelo MEC na BNCC, na qual pressupõe o ensino das finanças pessoais como transversal a outras disciplinas a partir do ensino infantil.

Nesta seção, além de identificar a compreensão dos entrevistados quanto a esta prerrogativa, vamos entender quais são as estratégias utilizadas atualmente no ensino da educação financeira nas escolas e quais estratégias ainda tem espaço para serem aplicadas e tornar esse ensino ainda mais eficaz.

Quando perguntados se têm conhecimento que o ensino da educação financeira foi institucionalizado na BNCC, a partir de 2020, para servir como temática obrigatória de aprendizagem aos alunos, as respostas foram variadas, desde justificativas no ponto de não ter conhecimento, ou possuir conhecimento apenas por ter ido atrás da informação até outras que, de fato já conhecem a situação de alteração e trabalham a partir disso.

As entrevistadas 1 e 2, as quais possuem contato direto no ensino dos alunos, alegam ter conhecimento da alteração na BNCC, porém a 1, sendo Vice Diretoria, alegou ter apenas tomado nota da alteração pelo fato de ter lido em notícias sobre a alteração. Nada oficial foi repassado à ela sobre a alteração. Diferentemente da Entrevistada 2, sendo professora, alegou ter conhecimento da alteração pelo MEC e que a temática já pode ser ensinada aos alunos.

*“...Então, nós não recebemos nada oficial, mas a gente sempre que lê na mídia acaba sabendo, porém nesse ano isso não chegou na gente, que devia ser transversal e tal...” (ENTREVISTADA 1)*

*“...Tenho conhecimento sim, na BNCC já aparece a questão da educação financeira como tema transversal e aí a partir disso, como outras questões que aparecem, a gente pode trazer a educação financeira.” (ENTREVISTADA 2)*

Se olharmos agora para a visão da Entrevistada 3, a qual também está envolvida diretamente no ensino da educação, vemos que a informação não foi entregue devidamente. Ela alega que não tem conhecimento dessa institucionalização e que não chegou a ouvir de nenhum professor que de fato isso havia ocorrido.

*“Não, não tenho conhecimento dessa lei, nunca ouvi falar por nenhum professor.” (ENTREVISTADA 3)*

Quando se trata da Entrevistada 4, que não possui vínculo de emprego direto na esfera educacional, a mesma alega que só possui conhecimento da alteração na BNCC pelo fato de ter sido candidata nas eleições para vereador(a) em 2020, no município de Guarulhos e possuir propostas ligadas diretamente ao ensino da educação financeira, o que fez com o que, ao pesquisar sobre o tema, pudesse ter ideia de que isso de fato estava sendo institucionalizado.

*“Hugo, vou ser bem sincera, só tive esse conhecimento porque estava em campanha. Não sabia que existiam escolas pilotos, nem que o MEC discutia isso desde 2017. Então eu realmente acho que falta um pouco de divulgação do tema também. Eu creio que tenha muito programa bom em relação a educação e política, claro que com a internet tudo facilita muito, porém eu vim saber apenas em 2020 quando eu vim estruturar minhas bandeiras políticas, a educação financeira acabou vindo com a temática de empreendedorismo.” (ENTREVISTADA 4)*

Isso nos traz uma importante conclusão, de que por mais que estejam inseridas no meio educacional, a informação sobre a inclusão da temática de educação financeira na BNCC não foi amplamente divulgada, nem para os agentes trabalhadores do setor educacional e de certa forma também não houve destaque da informação na mídia comum. Isso inviabiliza a estruturação de estratégias de ensino corretas para as escolas, demonstrando não haver, até agora, pleno suporte do governo em relação a essa temática.

*“ Informação super pouco divulgada. Eu sou da área jurídica, desde 2018 trabalhando na política, com parte de educação e só descobri porque eu mesmo fui pesquisar em 2020. Se todo dia no jornal se falasse um pouco de educação financeira, aos poucos as famílias iam se naturalizar com o tema.” (ENTREVISTADA 4)*

Um ponto importante a se frisar nessa discussão de institucionalização, foi o fato de 2020 ter sido um ano atípico especialmente para o setor educacional. Por conta da pandemia oriunda da Covid-19, as escolas em sua maioria tiveram que alterar seu planejamento e modo de operação, por muitas vezes devendo organizar atividades remotas ou simultâneas via video chamada. Não só a Entrevistada 1, como também, a Entrevistada 2 entendem que 2020 foi um ano desfavorável para uma medida tão significativa como essa.



*“...creio também que seja um ano atípico, onde os professores tiveram que se reinventar, aprender a trabalhar com as crianças online. Porque nós tivemos apenas 1 mês de aula. Talvez no próximo ano venha algo mais oficial a gente, na verdade eu sei que esse assunto desde que eu era de sala de aula, nós já conversávamos sobre isso, algumas já introduziam algumas coisas, mas nada oficial, nada com exigência do MEC.” (ENTREVISTADA 1)*

*“...Esse ano foi complicado, nós trabalhamos com ensino remoto, então tudo foi muito readaptado. Para trabalhar com um tema desse, a gente tem que estar mais perto da criança, porque esse ano tudo foi muito dependente dos pais. Mesmo a gente trazendo como um tema transversal, você aplicar isso que é novo pra criança e pro professor, a gente tem que tá mais perto das crianças, até pra ficar mais claro pros pais. Principalmente na rede pública, precisamos ter bastante cuidado e tato pra tar levando isso.” (ENTREVISTADA 2)*

Por mais que ainda haja essa questão de se formalizar a educação financeira na BNCC, um ponto interessante de se observar é que se tratando especificamente das estratégias, já se observam movimentações interessantes no meio escolar. Segundo a Entrevistada 2, professora, foi alegado que já existiu um treinamento preparatório na escola particular onde atua, porém que não foi algo simples e também não foi visto de maneira plenamente eficaz por ela. Essa estratégia de capacitação prévia dos docentes é algo que deve ser feito de maneira correta e eficiente, pois os professores serão os principais agentes de conscientização dessas crianças.

*“...foi na escola particular. Uma coisa que chamou atenção foi que nos deram uma caderneta, partindo do princípio que quando anotamos tudo que gastamos, a gente tem uma visão geral do que gastamos ao todo, ter esse conhecimento. A gente até fez um projeto com as crianças, trabalhando com os sonhos das crianças e o que elas podem fazer pra atingir. Porém é uma trabalho que não dá pra fazer só com a criança, temos que fazer com a família também. Porque senão a gente pode gerar um complicador na própria casa, ainda mais num período de pandemia.” (ENTREVISTADA 2)*

*“...Então, talvez agora com o MEC institucionalizando mude. Deve-se dar mais condição para o professor. Uma formação, pois muitos professores não tem essa facilidade de Mexer com área financeira, matemática. Muitos professores se dividem nas matérias, por um ter mais facilidade que o outro. Então acho que deve ter uma formação pro professor e ensinar técnicas que possam ser ensinadas de forma lúdica por parte do professor. Algo*

*nesse sentido, o professor deve ter uma formação pra poder passar isso melhor aos seus alunos.” (ENTREVISTADA 1)*

*“...a primeira estratégia é ter um planejamento, sendo a capacitação desse corpo docente, deve-se fazer toda preparação com a linguagem adequada, com material didático, então deve ensinar as estratégias de ensino também, se forma lúdica, brincadeiras, pra ensinar a questões de valores e percepções pra essa criança.” (ENTREVISTADA 3)*

O que foi possível notar durante as entrevistas, é que existem indícios de um movimento mais forte do ensino privado em relação ao público no que se diz respeito a mudanças e formulações de estratégias. Podemos ver de acordo com a resposta da Entrevistada 5, aluna, que o ano de 2020 trouxe uma mudança significativa no que se diz respeito ao ensino da educação financeira. Sendo estudante de uma escola do setor privado, ela alega que o sistema de ensino SAS faz um trabalho forte com finanças pessoais, focadas nas disciplinas de Matemática e também de Português. A aluna alega também não ter conhecimento ao certo se a alteração se deu porque foi o primeiro ano do sistema SAS em sua escola, ou por ser especificamente o ano de 2020. De todo modo, vemos um movimento interessante nas escolas particulares.

*“ ... Nesse ano mudou o sistema da escola para sistema SAS. Tive bastante coisa de economia financeira, porém não sei se te dizer se é do sistema SAS ou porque começou esse ano.” (ENTREVISTADA 5)*

*“Eles ensinam a gente em matemática e em português também. Eu só tenho uma professora e ela explica vários passos pelo que aprendi esse ano, então por isso que eu aprendi um pouco só, não pude aprender muito por conta das mudanças e por conta da pandemia também.” (ENTREVISTADA 5)*

As estratégias para realizar o ensino eficaz da educação financeira é o que deve estar sob principal foco, por conta disso, foi perguntado para todos os entrevistados o que eles pensam que possam ser as melhores formas de mostrar para a criança a forma ideal de se praticar as finanças pessoais. As respostas foram variadas, porém se observou um padrão bem interessante, voltado para o ensino lúdico. Levando em consideração que a medida se aplica já para o Ensino Infantil, entende-se que as finanças pessoais entrariam de forma paralela à alfabetização, por exemplo. Abaixo podemos identificar alguns relatos bem interessantes sobre a forma de estratégia recomendada pelos profissionais que atuam no segmento e pela aluna.

*“Quando você trabalha com a questão da “troca”, podemos fazer por exemplo um mercado, onde levamos embalagens vazias com preço, para começar com os princípios básicos de compra e troca. A gente pode também trabalhar a história do dinheiro nisso, explicando que no início era só troca e depois veio o dinheiro. A gente surge aí também alguns princípios matemáticos. Assim, podemos criar algumas coisas com eles, podemos fazer o mercado, podemos levar pra fora da escola, levar em mercado, feira, estabelecendo um dia com eles e fazer esse trabalho com eles fora da escola, dando oportunidade da criança escolher a mercadoria, pagar, receber o troco, estipular valores e etc.” (ENTREVISTADA 2)*

*“...eu lembro de algumas atividades que eu fiz sobre dinheiro e dentro de casa eu lembro dos meus pais sentando comigo pra abrir as contas de casa, mostrando o que da e o que não da, e explicando como as vezes o desejo pode ou não ser feito. Hoje minha dificuldade financeira não é voltada aos meus hábitos, e sim ao quanto ganho. Acho que se fizemos esse trabalho com toda população, o país ganha, existe um estudo que diz que o PIB pode crescer com essa população tendo essa compreensão. Eu já vi alguns trabalhos que levam as crianças pro mercado, pra feiras, e pode ir ensinando toda essa relação de troca de dinheiro e mercadoria. ...Existe a questão de trabalhar pontos sociais, como divisão de brinquedos e outras coisas...” (ENTREVISTADA 3)*

*“...as crianças aprendem muito por meio do lúdico, então acho legal fazer leituras de histórias infantis, onde exista essa temática, de famílias, amigos, que envolvam o desejo da criança por um brinquedo, juntamente com o ensino, cuidado de que as coisas tem um preço e que nem tudo é do jeito que ela quer, explicando como o dinheiro aparece na nossa vida. Ensinar a questão da contagem de valores e assim como aplicamos a alfabetização nas entrelinhas até as matemática, a educação financeira pode ser aplicada em outras disciplinas também.” (ENTREVISTADA 4)*

Como visto entre as entrevistadas, a questão do trabalho lúdico com a criança é muito forte. A maioria dos candidatos entra em um consenso sobre esse ponto, no qual a criança deve aprender sobre finanças pessoais aplicando estratégias do dia-dia, como uma simples ida ao mercado por exemplo. A partir do que nos traz as Entrevistadas 3 e 4, o ensino das finanças pessoais rompe a barreira matemática e se aplica diretamente na alfabetização das crianças, sendo responsável por não só auxiliar no ensino das palavras, como também sendo temática transversal em histórias intatas, conversas sobre família e em pontos de convívio social bem importantes. A divisão de brinquedos, de tarefas, de contagem de tempo e acessibilidade traz para as crianças um forte ensinamento sobre responsabilidade e deveres.

A estratégia da ida a supermercados por exemplo, já é sabida no meio educacional, conforme nos contou a Entrevistada 1, vice diretora de escola, essa estratégia já existe nas turmas desde o início da escolaridade, onde o foco é ensinar a criança as noções básicas de troca, de negociação e responsabilidades. Essa estratégia já é eficaz e sendo aplicada junto aos pais das crianças, tem um potencial de efetividade maior ainda.

*“Olha só, nas escolas que trabalhei, nós fizemos um mercadinho, onde as crianças trazem as embalagens de casa, a professora ajuda a usar a calculadora, da o dinheirinho, então tudo feito nas aulas de matemática. Então já existe esse trabalho, mais voltado para o lúdico. Então já existe esse trabalho, mais voltado para o lúdico. Então já é trabalhado sim, Hugo. Nas aulas de história dos mais velhos talvez se aborde a história do dinheiro, não tenho conhecimento. Porém dos pequenos eles já trabalham, talvez o que precise aprofundar é a conscientização de onde vem o dinheiro e não só como gastar, mas eu creio que para os pequenos na maioria das escolas já tenha esse trabalho.” (ENTREVISTADA 1)*

Podemos destacar também a importância da fiscalização dos governos municipais, estaduais e federal para que o ensino seja feito de forma correta e com um padrão. Quando questionada sobre de que forma o MEC certifica que as medidas atualizadas na BNCC estão sendo postas em prática, a Entrevistada 1 nos conta que já existe um controle feito de forma constante e que para a aplicação da nova temática de ensino, não deve ser diferente.

*“Logo no início do ano, as professoras fazem o planejamento do ano em cima do Quadro de saberes institucionalizado pelo MEC, a fiscalização ocorre dessa maneira, com a reunião e os planejamentos, as coordenadoras tem reuniões na prefeitura com toda supervisão, então existe a fiscalização nesse sentido. Tudo é trabalhado em conjunto. Existem reuniões semanais com as professoras, que a coordenação passa o conteúdo ideal. E também temos o IDEB, onde a nota do ensino obriga a gente a melhorar, a nota de Guarulhos melhorou bastante.” (ENTREVISTADA 1)*

É possível de se identificar então que já existe uma gama de estratégias que são utilizadas em algumas escolas para ensinar as crianças sobre a importância das finanças pessoais. O que se deve pontuar fortemente é a questão da não preparação dos professores para aplicar tais ensinamentos. Por vezes, nas entrevistas, foi perceptível o sentimento de falta de preparo e treinamento da classe, se considerando por vezes, eles mesmos precisando de mais entendimento sobre o tema. Eles cobram a importância desse ensinamento e se

mostram a disposição para se capacitar sobre ele, para que assim possam transmitir com ainda mais precisão as corretas compreensões das finanças pessoais.

#### **4.4 Perspectivas para o cenário Brasileiro de finanças pessoais**

Nesta seção em específico tratamos sobre a expectativa dos entrevistados para o cenário da educação financeira no Brasil nos próximos anos. Ou seja, entender através das estratégias que são aplicadas atualmente e com as medidas constantes de estímulo ao ensino das finanças pessoais na fase escolar, qual o entendimento sobre o endividamento pessoal do brasileiro, além da própria mudança de consciência e de comportamento.

Interessante frisar, que através das respostas da Entrevista 2, Professora, nota-se uma nítida percepção de mudança de cenário constante de ensino das finanças pessoais para o ensino infantil e fundamental. Mesmo apesar de observar uma plena mudança de atitude, por parte das escolas e dos alunos no decorrer dos anos, a professora avalia que uma mudança significativa irá demorar um tempo a se concretizar de fato na vida escolar. Quando questionada a respeito da mudança de cenário nos 30 anos de magistério, a Entrevistada 2 nos respondeu da seguinte forma:

*“Mudou sim! Mudança na educação a gente vê e nas crianças também vemos porque a sociedade mudou. Depende muito de onde essa criança está. Já vi coisas em escolas que fiquei horrorizada, em questão de influenciar o filho negativamente. A questão passa toda pela educação, do meio, de individual, mas tudo teve uma mudança muito grande. Se fizemos uma linha do tempo, tiveram mudanças boas e ruins, porém a educação financeira acho que ainda vai demorar um pouco pra ela fazer parte de fato da escola. Para os professores mesmo entenderem que ela está dentro da escola e faz parte da escola.” (ENTREVISTADA 2)*

Um outro ponto citado pela Entrevistada 3, auxiliar técnico educacional, nos chama atenção. Ela alega ter consciência da movimentação que vem ocorrendo no cenário de educação financeira no mundo, fazendo referências principalmente à matérias de ensino infantil propriamente ditos. É importante que essa movimentação seja notada no dia-dia da população, para que a temática seja difundida de forma natural e através de ajuda não só das escolas, como também, conforme foi citado nas seções anteriores, o auxílio e conscientização dos pais, que podem ser os principais agentes na formação de mentalidade da criança.

Vemos a seguir o trecho no qual a Entrevistada 3 que alega sua percepção sobre o momento e a opinião da Entrevistada 4, advogada, envolvida no setor educacional através de campanha política, que apesar de concordar com a movimentação positiva que vem ocorrendo nos últimos anos a respeito de educação financeira, entende que o tema ainda deveria ter mais atenção e divulgação para o dia-dia das pessoas.

*“...eu vi recentemente uma parceria do Thiago Nigro com o estúdio Mauricio de Souza. Além de ver outros aplicativos de finanças surgindo. É bem perceptível que esse movimento vem acontecendo com força nos dias atuais.” (ENTREVISTADA 3)*

*“...Se todo dia no jornal se falasse um pouco de educação financeira, aos poucos as famílias iam se naturalizar com o tema.” (ENTREVISTADA 4)*

Partindo para a expectativa futura sobre a aplicação da educação financeira nos dias atuais, é importante dar especial atenção para a opinião da Entrevistada 5, aluna do Ensino Fundamental da rede privada. Ela nos traz ponderações muito interessantes. Primeiramente, quando perguntada sobre a afinidade dela e dos colegas sobre a temática de educação financeira, a aluna nos apresenta uma opinião de que ela e seus colegas já possuem uma consciência de que as finanças pessoais, ensinadas nesse período de escolaridade tende a trazer resultados positivos e significativos no futuro. Porém conforme a própria nos diz, quando indagada sobre afinidade com a temática, responde que alguns alunos gostam e outros não. Seguem abaixo as respectivas afirmações.

*“Vai fazer diferença no futuro, porque tem muita gente que não teve a capacidade de estudar, então saber administrar o dinheiro é importante, por exemplo, se eu ganhar o salário, eu tenho que economizar porque um dia eu posso não ter dinheiro.” (ENTREVISTADA 5)*

*“Eu sou uma das que gosta, mas tem gente na minha sala que não gosta muito dessa matéria.” (ENTREVISTADA 5)*

A respeito das demais entrevistadas, quando pergunto sobre o cenário futuro da educação financeira, foi possível notar um padrão de opiniões baseada na ideia de que as mudanças ocorrem e continuarão ocorrendo no futuro, porém talvez de forma lenta. A Entrevistada 4 nos traz uma visão interessante do que espera para o cenário de finanças pessoais brasileiro no curto prazo. Principalmente levando em consideração o cenário de um 2020 sob a pandemia da Covid-19, que segundo ela, impacta negativamente na economia brasileira, podendo e devendo impactar diretamente a população no geral.

*“Olha eu vi na pandemia que o brasileiro empreendedor muitas vezes não tá preparado pra superar uma crise. Aprendeu aos poucos que precisa poupar. EU acho que a inadimplência vai crescer por conta da pandemia, até porque muitas pessoas sobreviveram por auxílio ou programas de crédito. Então acho que se não houver educação a curto prazo, o endividamento vai crescer ainda mais. Porém esse choque deve ensinar uma parte da população sobre guardar, fazer render, ter uma reserva. Então eu acho que nos próximos anos vai ter uma mudança sim, mas eu considero que impactante para os próximos 10 anos.”(ENTREVISTADA 4)*

Para as profissionais envolvidas na linha de frente da educação, crê-se que por conta da pandemia, o ensino das finanças pessoais foi prejudicado, porém existe uma expectativa positiva não só para o ano de 2021, como para os próximos anos de que haja uma melhora na forma de ensino e que através não apenas da escola, mas da ajuda e conscientização dos cuidadores da criança, o cenário brasileiro de finanças pessoais nos próximos anos possa evoluir de forma significativa. Vemos abaixo as seguintes opiniões das Entrevistadas 1, 2 e 3, respectivamente vice diretora, professora e auxiliar técnico educacional.

*“Eu acho que é uma mudança que já vai ocorrer na geração atual e a criança levando pra casa vai impactar ainda mais no futuro. A criança é muito rodeada pelo consumismo, então isso é muito importante e deve ser trabalhado pra ter a consciência. Vamos ver como será 2021, porque infelizmente 2020 o que foi trabalhado foi focado nos outros métodos de ensino a distancia. Mas acho que no ano que vem, com vacina, dará pra se fazer um trabalho bacana. Porém eu acho que precisamos de ajuda, deve ter um subsídio legal pra fazer isso acontecer.”(ENTREVISTADA 1)*

*“...Na verdade tudo passa pela educação, o povo deve passar por uma mudança de mentalidade. Hoje uma pessoa se ganha 100 reais a mais, ela arruma um jeito rápido de gastar esse dinheiro, muitas vezes não gastando naquilo que realmente necessita. Então aprender a gastar, gerir, passar por esse processo que não seja frustrante ou traumatizante, a pessoa pode aprender. Acho que vai levar bons anos, mas acho que vale a pena ensinar isso hoje em dia. Ensinar os valores, o que importa e fazer o brasileiro passar por esse processo aí de crescimento.”(ENTREVISTADA 2)*

*“...acho importante que isso ocorra e a médio e longo prazo, se for feito de uma forma correta e eficaz, eu vejo uma mudança boa no cenário econômico do nosso país.” (ENTREVISTADA 3)*

## 5. CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo compreender de que forma os agentes envolvidos na educação formal entendem e utilizam a educação financeira, qual conhecimento possuem sobre a temática e quais estratégias ainda podem ser utilizadas para que o ensino se torne cada vez mais eficaz. A partir da análise, na atual conjuntura educacional, levando em conta que 2020 foi um ano atípico não só para o sistema educacional como também para o Brasil como um todo por conta da pandemia causada pela COVID-19.

A consciência sobre educação financeira na sociedade cada vez cresce mais e isso também reflete nas alterações que vem ocorrendo nos últimos anos no Brasil com foco de mudar a realidade brasileira de gastos e hábitos de consumo. O papel formal da escola é de suma importância para que desde cedo as crianças criem uma cultura de conscientização para com as finanças pessoais e isso possa gerar bons resultados a longo prazo para a economia brasileira de uma forma geral.

Após apurar todos dados informados via entrevista semi-estruturada, foi possível identificar padrões de pensamentos e de opiniões não só apenas sobre o tema Educação Financeira como também sobre a forma com que isso vem sendo ensinado nas escolas. A institucionalização na BNCC aparentemente não foi amplamente divulgada a todos os profissionais envolvidos na educação formal. Porém enxerga-se que em muitas escolas, já havia esse ensino, de forma arbitrária e com menos padrões didáticos.

Tratando das estratégias que já são utilizadas, podemos frisar o ensino lúdico, ou seja, que seja feito de forma mais subjetiva, menos técnica e focado na conscientização da criança, não apenas em ensiná-las sobre gastos ou princípios de matemática financeira. A metodologia de “mercado” foi um ponto muito interessante exposto pelas entrevistadas. Alegando já existir em algumas escolas a prática de levar a ideia de compras à elas, de troco, e das responsabilidades que cada um deve ter quando realiza o consumo de algum produto com pagamento. Segundo elas mesmas, essa prática é eficaz e também pode ser aplicada em lugares que ainda não a fazem. Outras técnicas passam pela questão da alfabetização, na qual o ensino das finanças pessoais pode ser feito junto com as aulas de Português por exemplo, como diz a própria Entrevistada 5, aluna do ensino fundamental. A história do dinheiro e das relações iniciais de escambo podem se fazer presentes



também para mostrar a criança de forma mais simples, como se iniciaram as primeiras relações de compra e venda na humanidade.

Existe um conceito comum de que com a institucionalização do ensino da educação financeira como temática transversal na BNCC se inicie um projeto de capacitação para os educadores no país, capacitando-os para não ser apenas exemplo, mas que possam aprender novas técnicas, já validadas, que possam tornar mais eficaz o aprendizado da criança. A partir dessa especialização, aliada à um cenário pós pandêmico, onde a escolaridade volta a ser feita de forma presencial, as entrevistadas entendem de uma maneira geral que o ensino pode ter uma mudança positiva significativa.

As relações com os educadores devem ser levadas em forte consideração. As entrevistadas entendem que um processo de conscientização e ensino de finanças pessoais passa muito pela educação não-formal, recebida pelo aluno em casa. Com o auxílio de seus educadores, os resultados tendem a ser melhores. É de consenso também que muitos pais não possuem essa consciência formada, muitas vezes sofrendo com condições financeiras desfavorecidas, acabam não conseguindo se utilizar das mesmas técnicas de ensino feitas na escola ou em outras famílias com melhores condições de renda.

Os resultados obtidos levam em consideração uma amostra pequena e que serve apenas de uma maneira generalista para entendimento das expectativas do cenário de educação financeira no Brasil para os próximos anos. Cabendo assim um aprofundamento maior para que sejam tiradas conclusões mais assertivas.

## 6. REFERÊNCIAS

ALONSO, P. & MÓCHON, F. **Economía básica**. Santiago: Mc Graw Hill, 1994.

BESSA, S., FERMIANO, M. B., & DENEGRÍ, M.C. (2014). Compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos. **Psicologia & Sociedade**. 26(2), 410-419.

BRASIL. Decreto Federal nº 5.685, de 25 de janeiro de 2006. **Institui o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização - COROMEC** (revogado). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/ Ato2004-2006/2006/Decreto/D5685.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2004-2006/2006/Decreto/D5685.htm). Acesso em 10 de jan. de 2021.

BRASIL. Decreto Federal nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. **Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm). Acesso em 10 de jan. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, J. G.; FERNANDES, A. H. S. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 5, nº 2, p. 894-913, 2014.

CNDL. **Educação Financeira e a Gestão do Orçamento Pessoal**. SPC Brasil, jan. 2018.

DOMINGOS, R. **Educação financeira e finanças pessoais: qual a diferença?** DSOP Educação Financeira, 2014. Disponível em: <https://www.dsop.com.br/artigos/2014/04/educacao-financeira-e-financas-pessoais-qual-diferenca/>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

GIORDANO, C. C.; ASSIS, M. R. S.; COUTINHO, C. Q. S. A Educação Financeira e a Base Nacional Comum Curricular. In: **TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**. Recife, v. 10, n. 3, p. 1-20, dez. 2019. Disponível em: . Acesso em: 11 de jan. de 2021.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

LUCCI, C. R.; ZERRENER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. In: **Seminários em Administração**, nº 9, São Paulo, 2006. São Paulo, 2006

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V.. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

OCDE. **Advancing National Strategies for Financial Education**. 2013. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/advancing-national-strategies-for-financial-education.htm>. Acesso em: 9 de jan. de 2021.

OCDE. **Construindo um Brasil mais próspero e mais produtivo**. 2018. Disponível em: <http://www.oecd.org/brazil/economic-survey-brazil.htm>. Acesso em: 9 de jan. de 2021.

OCDE. **PISA – Programme for International Student Assessment. Are Students Smart About Money?** Volume IV. 2018. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/publications/pisa-2018-results.htm>. Acesso em: 13 de jan. de 2021.

OCDE. **Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira. Recomendação do Conselho da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.** 2005. Disponível em: <http://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2021.

PEREIRA, F.; CROCCO, M. e CAVALCANTE, A. T. M. Um plano nacional de capacitação financeira: o caso brasileiro. **Economia e Sociedade** (UNICAMP), v. 28, p. 541-561, 2019.

SARAIVA, K. S. Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. **Educar em Revista, Curitiba**. Brasil, v. 33, n. 66, p. 157-173, dez. 2017.

SAVÓIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1.121-1.141, nov/dez. 2007.

S&P – Standard & Poor's. **Financial Literacy Around the World: Insights from the Standard & Poor's Ratings Services Global Financial Literacy Survey.** 2014. Disponível: [https://gflec.org/wpcontent/uploads/2015/11/3313Finlit\\_Report\\_FINAL5.11.16.pdf?x28148](https://gflec.org/wpcontent/uploads/2015/11/3313Finlit_Report_FINAL5.11.16.pdf?x28148). Acesso em: 13 de jan. de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

## **7. APÊNDICES**

### **APÊNDICE A**

#### **Convite realizado:**

Olá! Me chamo Hugo Duarte dos Santos e sou aluno pesquisador da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP - Campus Osasco) e gostaria de convidá-lo(a) à participar de uma entrevista para a pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA O ENSINO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS”, que busca compreender a de que forma a educação financeira está presente atualmente no ensino das escolas de ensino infantil e fundamental I, analisando as estratégias utilizadas, se o ensino é eficaz e quais as perspectivas futuras. Os dados coletados durante a entrevista serão confidenciais, sendo utilizados somente para fins de pesquisa.

Caso tenha interesse em participar, responda a essa mensagem para tomar conhecimento dos benefícios e riscos da participação na pesquisa, bem como o Termo de Consentimento que deve ser assinado e entregue no dia da entrevista. Aceitas as condições, peço que leia e assine o termo de consentimento, que deverá ser entregue na conforme agendamento, conforme a sua disponibilidade. Obrigado, aguardo seu retorno!

### **APÊNDICE B**

#### **TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr(a): \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_ e CPF: \_\_\_\_\_, nascido na cidade de \_\_\_\_\_ (SP) está sendo convidado(a) a participar do estudo Educação Financeira no Brasil: um estudo de caso das estratégias utilizadas para o ensino de educação financeira nas escolas. Entender como profissionais envolvidos na área, de que forma a educação financeira pode ser inserida na vida das crianças do ensino infantil e fundamental.

Para tanto, será realizada uma entrevista semi-estruturada, com 05 (cinco) questões abertas (conforme roteiro previamente elaborado que deverá ser gravada e posteriormente transcrita. Pretende-se que a entrevista ocorra em um encontro presencial individual com

duração aproximada de 20 a 40 min, em local previamente acordado com o(a) entrevistado(a), no entanto, em caso de impossibilidade da realização de tal encontro, será possível a realização da uma entrevista a distância por videoconferência com a utilização de recursos tecnológicos audiovisuais disponíveis. Não existe riscos no procedimento, no entanto se o(a) entrevistado(a) se sentir constrangido(a) ou desconfortável a entrevista poderá ser interrompida e reagendada, se for o caso.

O (a) participante terá como benefício a oportunidade de contribuir com seus conhecimentos e vivências na pesquisa em questão, ajudando a melhorar os processos de planejamento e governança no território em estudo (onde vive e/ou atua).

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao responsável pelo trabalho. O principal investigador é o estudante Hugo Duarte dos Santos que pode ser encontrada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Escola Paulista de Política, Economia e Negócios (EPPEN) no seguinte endereço: Rua Angélica, 100 Bairro Jardim das Flores, Osasco, Telefone (s): (11) 97439-2400 (pessoal).

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na Instituição.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante.

Você tem direito de ser mantido (a) atualizado (a) sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

Não há despesas pessoais para o (a) participante em qualquer fase do estudo, incluindo, quando existirem, exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em caso de dano pessoal comprovadamente causado pelos procedimentos deste estudo, você tem direito de solicitar indenizações legalmente estabelecidas. Os dados e os materiais coletados serão utilizados somente para esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente esclarecido (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo Educação Financeira no Brasil: um estudo de caso das estratégias utilizadas para o ensino de educação financeira nas escolas. Eu ME INFORMEI com o pesquisador Hugo Duarte dos Santos, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no atendimento que recebo nesta instituição.

---

Rubrica do participante/representante legal Rubrica do pesquisador Responsável

Assinatura do(a) participante/representante legal

Data

Assinatura da testemunha\* Data / /

\*OBS (Para casos de voluntários analfabetos, semi-analfabetos ou portadores de deficiência auditiva ou visual.)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo. Sendo que uma via deste documento deve ficar com o participante e outra em posse do pesquisador.

Assinatura do responsável pelo estudo

Data / /

---

Rubrica do participante/representante legal Rubrica do pesquisador Responsável

## **APÊNDICE C**

### **Roteiro da entrevista**

#### **1- Dados de identificação:**

Idade:

Sexo:

Função:

#### **2 - Perguntas específicas:**

1. O que você entende por educação financeira?
2. Você tem conhecimento que a partir de 2020 a educação financeira foi introduzido como temática obrigatória na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), sendo institucionalizado seu ensino pelo MEC?
3. Qual a importância que você dá para o ensino de educação financeiras nas etapas iniciais de estudo formal das crianças?
4. Você teve educação financeira no seu tempo de escola? Como isso influencia seu comportamento para finanças pessoais nos dias de hoje?
5. Como você entende que essa divulgação foi feita para o público geral?
6. Você sentiu alguma mudança significativa no ensino escolar desde o ano de 2019 para 2020, onde a mudança foi institucionalizado de fato?
7. Qual impacto você enxerga que esse ensino pode ter sendo ensinado tão cedo às crianças?
8. Tratando-se de estratégias, você pode sugerir algo que possa ser aplicado para que esse ensino seja ainda mais eficaz?
9. Quais estratégias você enxerga que já estão sendo aplicadas? Como está sendo feita essa institucionalização?

10. Como você enxerga a preparação dos professores para esse tipo de ensino?
11. Qual a sua percepção do movimento de educação financeira que vem ocorrendo no Brasil nos dias atuais?
12. Como você enxerga o cenário de consumo e gastos para o Brasil nos próximos anos? Podem haver mudanças nos hábitos por conta dessas medidas atuais?
13. Existe uma fiscalização por parte do MEC para entender se as matrizes curriculares estão sendo aplicadas corretamente?
14. Você entende que atualmente as aulas com temáticas voltadas para finanças estão sendo eficazes para os alunos? Como isso é visto por eles?